

Artigo

Da origem à criação: o aparecimento do sujeito como aquele que c@nta

Nayara Dias Mamede; Cláudia Aparecida de Oliveira Leite

Resumo. O sujeito se constitui na rede de significantes, construída diante dos afetos que circundam a sua relação com o Outro. Parte dessa afetação é promovida pela musicalidade que caracteriza a fala materna, que tanto promove simbolizações às enunciações do bebê como também embala o real de seu corpo nas ressonâncias da sua dimensão vocal. Fascínio que integra gozo e sentido, convocando-o à linguagem. Nessa perspectiva, o presente artigo remete a uma pesquisa qualitativa, condizente a uma revisão narrativa de literatura, que tem como principal objetivo compreender como as vocalizações do Outro influenciam a forma em que o sujeito conduz a sua fala, demonstrando que a entrada na linguagem acontece frente ao desejo do Outro e que, assim, o sujeito ao falar também goza, por incorporar tal desejo em sua prosódia.

Palavras chave: linguagem; mãe-bebê; música; psicanálise; pulsão invocante.

Del origen a la creación: la aparición del sujeto como quien c@nta

Resumen. El sujeto se constituye en la red de significantes, construida frente a los afectos que envuelven su relación con el Otro. Parte de esta afectación es promovida por la musicalidad que caracteriza el habla de la madre, que al mismo tiempo promueve simbolizaciones a los enunciados del bebé, pero también empaqueta lo real de su cuerpo en las resonancias de su dimensión vocal. Fascinación que integra goce y sentido, convocándolo al lenguaje. En esta perspectiva, el presente artículo se refiere a una investigación cualitativa, consistente con una revisión de la literatura narrativa, cuyo principal objetivo es comprender cómo las vocalizaciones del Otro influyen en la forma en que el sujeto conduce su discurso, demostrando que la entrada en el lenguaje ocurre frente al deseo del Otro y así, el sujeto al hablar también goza, por incorporar tal deseo en su prosodia.

Palabras clave: lenguaje; madre-hijo; música; psicoanálisis; pulsión de invocación.

* Psicóloga. Pós-graduanda em Psicanálise na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: nayaramamede@gmail.com

** Pós-doutorado em Clínica Psicanalítica do Sujeito e do Laço Social (Laboratoire Clinique Psychopathologique et Interculturelle, Université Toulouse II – Mirail. Docente do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais / Divinópolis, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: claudia.leite@uemg.br

From origin to creation: the appearance of the subject as the one who sings

Abstract. The subject is constituted in the net of signifiers, built on the affections that surround his relationship with the Other. Part of this affectation is promoted by the musicality that characterizes the mother's speech, which promotes both symbolizations to the baby's utterances, as well as nourish the real of her body in the resonances of her vocal dimension. Fascination that integrates *jouissance* and meaning, summoning it to language. In this perspective, the present article refers to a qualitative research, consistent with a narrative literature review, whose main objective is to understand how the vocalizations of the Other influence the way in which the subject conducts his speech, demonstrating that the entry into language happens in front of the Other's desire and thus, the subject when speaking also enjoys, for incorporating such desire in his prosody.

Keywords: language; mother-baby; music; psychoanalysis; invocative drive.

De l'origine à la création : l'apparition du sujet comme celui qui chante

Résumé. Le sujet se constitue dans le réseau des signifiants, construit face aux affections qui entourent sa relation à l'Autre. Une partie de cette affectation est favorisée par la musicalité qui caractérise le discours de la mère, qui à la fois promeut des symbolisations dans les énoncés du bébé, et emballe également le réel de son corps dans les résonances de sa dimension vocale. Fascination qui intègre *jouissance* et sens, l'invoquant au langage. Dans cette perspective, le présent article se réfère à une recherche qualitative, cohérente avec une revue de la littérature narrative, dont l'objectif principal est de comprendre comment les vocalisations de l'Autre influencent la manière dont le sujet conduit sa parole, démontrant que l'entrée dans le langage se fait devant le désir de l'Autre et donc, le sujet parlant jouit aussi, d'incorporer ce désir dans sa prosodie.

Mots-clés: langage, mère-enfant, musique, psychanalyse, pulsion invocante.

No poema “Uma didática da invenção¹”, de Manoel de Barros (2013), é exaltada a necessidade de uma voz poética para a promoção de um delírio, uma transgressão que, ao ser associada com a poesia, deixa subtendido que o movimento delirante é sustentado por um ordenamento, como uma dança que é induzida pelas frequências sonoras. Didier-Weill, em seu livro *Invocações* (1999), menciona que o corpo se movimenta em resposta àquilo que lhe apetece, ou seja, mesmo não apresentando nenhum sentido evidente, a música afeta o corpo e o invoca a sair do lugar, fazendo com que o sujeito esqueça os “por quês” que o paralisam e apenas confie nas “n” possibilidades de caminhos aos quais os embalos rítmicos podem levá-lo. Wisnik (2017) responde essa questão quando diz que a música é um conjunto de frequências que se combinam e se interpelam, feixes de ondas que oscilam entre impulso e repouso e que fazem os corpos vibrarem devido a sua ressonância.

Desde o nascimento, emitimos sons e também recebemos uma chuva de sonoridades, principalmente por meio da voz prosódica do cuidador que caracteriza o manhês. “Quando a criança ainda não aprendeu a falar, mas já percebeu que a linguagem significa, a voz da mãe com suas melodias e seus toques, é pura música” (Wisnik, 2017, p. 32). Ela embala o bebê com

¹ Fragmentos do poema acima referenciados serão utilizados ao longo do artigo como subtítulos de seu desenvolvimento.

sua ritmicidade e harmonia, fazendo com que ele, físgado pela sinfonia materna, engate na relação aderindo à linguagem por meio da lalação, cujos elementos musicais vão nortear suas expressões, até que ele alcance progressivamente o domínio das palavras com as junções dos fonemas perante as leis que ordenam as escansões da fala.

Na psicanálise, principalmente no ensino de Jacques Lacan (1901-1981), a categoria de sujeito é usada para pontuar que o ser é dividido entre o consciente e o inconsciente, e se apresenta respectivamente no enunciado/significado, frente ao que diz, e também como efeito da enunciação, da cadeia significante (Lacan, 1964/2008), o que remete à forma de expor os ditos. Inicialmente, o bebê, na condição de *infans*, é pura enunciação, só após a sua segunda identificação, frente à lei simbólica que circunda a voz da mãe, é que ele realmente se apropria da língua materna e adquire progressivamente a capacidade de produzir enunciados. Em vista disso, o bebê surge então entre esses dois modos de exposição: a linguagem verbal, que se limita a propagar palavras de sentidos prévios, e a linguagem poética, que eleva aquilo que lhe afeta (Kaufmann, 1996) e determina o modo de expressão que pode delirar o sentido da palavra proferida.

Como a música permeia intensamente o ser antes mesmo da sua constituição subjetiva e o sujeito se constitui na rede de significantes, cabe à psicanálise levantar suas inferências constitutivas perante os conceitos de linguagem e pulsão. Nesse sentido, a voz é posta por Lacan como um dos objetos pulsionais, ou seja, um dos objetos “cedíveis” que tem como função vincular “algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito” (Lacan, 1964/2008, p. 341). Assim sendo, há algo da voz que introduz o ser no mundo simbólico e sustenta a sua divisão, como um enlace entre a inteireza que precede o sujeito e a incompletude que o anuncia, uma primeira articulação envolvendo organismo e linguagem, que segundo Catão (2009, p. 112) se faz necessária por advir “as condições para haver sujeito e corpo”, ou seja, uma margem entre o ser e o sentido que impulsiona o saber-fazer próprio do desejanse. É nesse aspecto que Lacan (1975/1976/2007) aponta que o corpo responde ao que ele chama de voz – o que justifica a nomeação de sua pulsão como *invocante*.

Diante de todas essas questões, apresentamos aqui o resultado de uma pesquisa qualitativa, condizente a uma revisão narrativa de literatura, que teve como principal objetivo compreender como as invocações do Outro singularizam a fala do sujeito, com ênfase na relevância dos afetos sonoros que permeiam a sua constituição como *falasser*. A clínica psicanalítica coloca o significante em primazia quanto ao significado, e de acordo com Lacan (1972/1973/2008), o primeiro remete ao que se ouve, perante as sequências de sons que tocam o corpo; o segundo, à leitura do que foi ouvido, e como nos lembra Maurano (2001, p. 144) a voz, como música, configura-se como um dos “operadores fundamentais da experiência analítica”. À vista disso, a pesquisa encontra a sua relevância no incentivo aos profissionais da clínica psicanalítica, no interesse em promover intervenções diante da harmonia das sonoridades que tecem a fala. Não só sobre o que o analisando vocaliza, mas também sobre a organização rítmica e melódica que ele destina às suas emissões vocálicas, o que condiz com a forma como incorporou as vocalizações do Outro.

A pesquisa teve como pressuposto que o sujeito, dividido em dois modos de expressão, anseia pelo sentido, mas também ressoa em sua fala um gozo derivado dos seus primeiros afetos relacionais com o Outro. Dessa forma, no discurso se apresenta tanto sua divisão por meio da

identificação com a lei simbólica quanto a comemoração de sua unicidade correspondente ao desejo da mãe, ou seja, uma saída que sustenta o fato que o seu desencontro com o Outro perante o enigma também é uma forma de laço.

“No descomeço era o verbo, só depois é que veio o delírio do verbo”

Durante o Seminário XV, *O ato psicanalítico*, Lacan (1967/1968, pp. 79-80) cita a seguinte frase: “no começo era a ação, porque sem ato não poderia, muito simplesmente, ser questão de começo”. A partir dela, percebe-se que o surgimento do sujeito não acontece de forma natural, mas é inferido através de uma atuação externa, uma ação que destaca a sua presença pela atribuição de um nome, possibilitando, por conseguinte, uma abertura temporal – o “antes” e o “depois” de seu surgimento. Para a psicanálise, o nascimento do sujeito não ocorre no parto, posto que antes já recebe inscrições psíquicas advindas dos discursos dos pais, que fazem com que preexista no simbólico, “nem que seja sobre a forma do seu nome próprio” (Lacan, 1957/1998, p. 498).

A palavra que nomeia e o introduz na linguagem se efetua no sujeito como um ato, visto que fura o real de seu corpo, marcando-o por um único traço condizente a uma “demarcação significante” (Lacan, 1967/1968, p. 77). Diante da necessidade de torná-lo *Um* – único, pura diferença frente ao que antes era indiferenciado, Lacan (1961/1962/2003, p. 109) declara que “o sujeito é o que se nomeia”, em referência à leitura do traço unário.

O traço demarca a “causa” que abriga a nossa língua, porque serve como norteador para os demais significantes, possibilitando uma ordem simbólica, e também cria *ex-nihilo* um real primordial, referente ao inapreensível que não se conjuga à forma, mas que resiste sem necessitar de nomeação (Didier-Weill, 1997). Logo, ele passa a se caracterizar como significante quando em relação associativa com outros traços semelhantes, ou seja, com outros significantes, pois, segundo Lacan (1957/1998, p. 503), o significante só é alcançado quando se duplica “a espécie nominal, pela simples justaposição de dois termos”. O que só é possível por meio de uma hiância, que apreende a contraposição decretada pela presença de no mínimo dois pontos referenciais (S – S’), e ao mesmo tempo afirma a relação entre eles.

Além de se definir pela diferença, outra propriedade do significante se estabelece perante a sua composição “segundo as leis de uma ordem fechada” (Lacan, 1957/1998, p. 504), que remetem às leis de metáfora e metonímia, responsáveis pelos desdobramentos articulatórios da cadeia simbólica. Segundo Dor (1989), esses desdobramentos demonstram a supremacia do significante diante do significado, ou melhor, exemplificam que a fala é governada pela língua.

Se o sujeito surge como “o efeito intermediário entre o que caracteriza um significante e outro significante” (Lacan, 1972/1973/2008, p. 56), ele emerge como fruto de suas articulações, sendo, portanto, necessário que o deslizamento entre significantes seja incessante. Esse acontecimento é sustentado pela instância da letra, nomeada por Lacan (1957/1998) como uma estrutura essencial presente no significante, visto que é ela que assegura o discurso como usufruto da linguagem.

A princípio, Lacan não evidencia uma distinção entre os conceitos de significante e letra, posto que a “letra era investida como significante que condiciona o descolamento dos sujeitos” (Kaufmann, 1996, p. 286). Mas, com o avanço do seu ensino, a letra foi adquirindo novas conceituações mais próximas do Real, perante a sua materialidade que ultrapassa a função de transportar uma mensagem. Se a função do traço se assemelha a de uma pegada – marcas que registram a passagem de um objeto que se encontra ausente e, portanto, indefinido –, ele só se inscreve como significante quando a “pegada” é rasurada, deixando em seu lugar apenas o rastro de seu apagamento. Ou seja, é a letra em sua função, que promove um novo registro substitutivo, que remete não à marca de outro, mas sim à passagem própria do sujeito que desfaz a insígnia do objeto que ali passara, resultando, então, na formulação de um enigma para si mesmo (Jerusalinsky, 2014).

Segundo Masagão (2008, p. 330), a letra, enquanto rasura, “enlaça criação e origem”, e também as distancia, já que pela raspagem o sujeito fica exilado do seu saber sobre o objeto que correspondia à primeira marca. Sobre a função da letra, Kaufmann (1996, p. 285) explica que “diante o real ‘impensável’ [...] o sujeito, num processo de antecipação, será levado rumo ao Simbólico”, enquanto Lacan (1971/2003) posiciona a letra tanto como *litoral* – entre Real e Simbólico – quanto como *ruptura*, por delimitar tais extremos. O gesto simbólico do sujeito condiciona um gozo sobre a perda, pois, frente ao impossível, ao enigmático, o sujeito é instigado à criação a fim de alcançar o deciframento. Sendo assim, se o significante é do campo do Simbólico “e se apoia na diferença, sua distinção em relação à letra consiste em que esta última é idêntica a si mesma, sendo da ordem do real” (Aires, 2005, p. 12), e submetida à função do gozo, pois remete a algo que não cessa de não se escrever, ponto este que se apresenta em conformidade com a sua contribuição para a articulação significante.

O conceito de letra se vincula a uma “instância”, por se impor na cadeia simbólica como aquilo que suplica por codificações devido à necessidade de sentido. Se por um ato nomeante um traço foi inaugurado, concedendo uma possibilidade de existência para o sujeito, o seu advir fica em dependência da conexão com o segundo significante (S2) – provedor do código. Para que se instaure esse clamor, Lacan (1975/1976/2007, p. 18) pontua que “é preciso que alguma coisa no significante ressoe”, ou seja, é preciso que o real do corpo do neonato, recém-exposto no ambiente, receba alguma articulação representacional advinda do simbólico, capaz de sensibilizá-lo, impulsionando-o a reagir. No entanto, o processo não é inato e sim construído perante os afetos que circundam a relação do recém-nascido com o seu cuidador.

Freud (1895/1950/1996, p. 229), no texto *Projeto para uma psicologia científica*, pontua o modo como o nosso sistema nervoso se desenvolve, afirmando que, desde o princípio, ele adquire duas funções: “a recepção do estímulo *vindo de fora* e a descarga de excitações de origem *endógena*”. Na propensão de “evitar o desprazer” (Freud, 1895/1950/1996, p. 236), a vida psíquica impele o organismo a reagir ao ambiente, porém, não consegue fugir dos estímulos endógenos, já que estes são inevitáveis em razão das necessidades somáticas, por exemplo, fome, frio e sono. Quando se elevam os níveis de catexia do organismo do bebê, isso faz com que ele recorra a mecanismos de descarga para que, assim, alcance um equilíbrio sobre suas tensões.

Diante da falta de simbolizações e aptidões, o bebê encontra no grito um recurso frente ao mal-estar, no entanto, como ele nasce em condição de total desamparo, o alívio de suas tensões

depende de alguém perceber seu sofrimento e promover alguma alteração no mundo externo, movimento nomeado por Freud como *ação específica*. Mesmo que a princípio não houvesse a intenção, “essa via de descarga adquire [...] a importantíssima função secundária da comunicação” (Freud, 1895/1950/1996, p. 241), pois o grito auxilia o neonato na convocação de um agente, que, ao ouvi-lo, interpreta-o como um apelo e é impulsionado a oferecer cuidados e objetos, na esperança de apaziguar o sofrimento daquele que está sob sua proteção. O cuidador executa, assim, a “ação específica” necessária para o desamparado, constituindo de forma mítica a primeira experiência de satisfação.

Freud (1915/2020), em *As pulsões e seus destinos*, relembra a diferença dos estímulos externos desagradáveis sobre aqueles de origem endógena, que se posicionam como constantes. Tal percepção entre o que é de *fora* e o que está *dentro* contribui para que o bebê comece a se orientar a partir de uma primeira diferenciação, pois, diante da intenção de dominar os estímulos, ele se organiza acerca de qual afeto absorve ou expulsa, perante o que sentiu através de seu corpo. Dessa forma, a pulsão se apresenta como “um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, [...] como uma exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (Freud, 1915/2020, p. 25).

Lacan (1964/2008, p. 164) privilegia a pulsão como um dos conceitos fundamentais em Psicanálise, posicionando-a como uma montagem que abarca o sujeito, a linguagem e a sexualidade. Nesse circuito, a pulsão se estabelece frente ao enlaçamento do sujeito com o Outro e a sua relação com a falta, pontuando a pulsão como uma saída ao sofrimento do sujeito, como um direcionador da libido, ao fornecer “satisfação a^2 alguma coisa”.

[...] As pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ele ressoe [...], é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é, pois o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, que não se pode tampar, arrolhar, fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz (Lacan, 1975/1976/2007, p. 18-19).

No Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais*, Lacan (1964/2008) acrescenta o olhar e a voz como objetos pulsionais, articulados diretamente ao desejo do Outro. Pela voz, o desejo do Outro se manifesta e também busca se expressar. O primeiro viés condiz à causa, à verdade que se encontra velada atrás de cada dito, e o segundo, ao suporte que a voz promove à manifestação da fala (Vivès, 2018). Presente nas transmissões tanto da linguagem quanto do desejo em sua pureza, a voz não se vincula apenas às sonorizações, mas também aos outros registros que fazem jus a sua etimologia. “Essencialmente, a voz ‘chama’, como indica a sua raiz oriunda de *vocare* - a qual Lacan fará referência ao falar de ‘pulsão invocante’” (Vivès, 2020, p. 149).

Sendo assim, “voz” e “som” têm funções diferentes. O som puro e desarticulado presente em seu grito é ouvido pela mãe como um chamado, depositando voz naquele corpo gritante. O grito é tomado pela mãe como uma voz que clama, pois, ao perceber traços semelhantes no bebê, ela solidifica sua filiação, ou seja, pela identificação ela encarna suas funções maternas e toma posse de um suposto saber sobre as necessidades do filho, visto que o posiciona como um

² Lacan (1964/2008) destaca o “a” no texto em referência ao objeto *a* – objeto perdido, faltoso; causa de desejo.

sujeito com capacidade de desejar por algo. Jerusalinsky (2014, p. 147) cita que “é desde este desejo não anônimo e desde este saber, que a mãe exerce os cuidados do bebê, fazendo borda, corte e costura às funções corporais dele” e logo acrescenta que

diante do que o bebê dá a ver em seu corpo a mãe pontua, precipita uma significação. Por esse estabelecimento da demanda, a mãe exerce um saber que faz borda ao gozo do corpo do bebê e o atrela à linguagem. Desse modo, precipita os efeitos de inscrição da letra, na medida em que o bebê engaja seu funcionamento corporal ao saber materno, e é desde esse saber materno que sua economia de gozo passa a ser inicialmente regulada (Jerusalinsky, 2014, p. 147).

Por esse motivo, o cuidador é ao mesmo tempo “outro” perante a sua alteridade, e “Outro” (Lacan, 1960/1998, p. 820) perante a sua função simbólica. No exercício de ser o “tesouro dos significantes”, o Outro atua entre o organismo vivo e a linguagem, afetando o real do corpo do *infans*³ por intermédio da palavra, o que é imprescindível para o processo constitutivo do sujeito, posto que é diante das interpretações do Outro que o bebê se inscreve no circuito da demanda.

Inscrito, o grito que antes era “puro”, referente à descarga motora, transforma-se em grito “para”, com uma intenção que ultrapassa suas necessidades vitais (Vivès, 2018), visto que, agora, o bebê não apenas suplica por objetos, mas também clama a presença daquele que lhe proporciona tal contentamento. Portanto, a transposição do som gritante à voz, tem uma importante participação na estrutura do circuito pulsional invocante, pois, após ser capturado na “violência interpretativa” (Aulagnier, 1975 citado por Vivès, 2020, p. 21), o bebê começa a produzir no corpo os afetos pulsionais e dá a ver, de modo singular, o seu envolvimento no laço com o Outro.

“Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira”

O sentido que é atribuído ao choro do neonato e à demarcação de um ritmo perante a ausência e a presença materna fazem com que o Outro seja o responsável pela formação da primeira matriz simbólica que circunda o bebê, pois, mediante a relação, modela-se a pura diferença entre tensão – grito, ausência materna – e apaziguamento – presença que fornece uma ação que faz cessar o desconforto do bebê (Lucero & Vorcaro, 2018).

A matriz simbólica incide sobre o organismo sob a forma dos cuidados desse Outro encarnado no próximo semelhante, e, em meio ao banho de linguagem, algo se precipita pela emergência do sonoro. Por Didier-Weill (1999), a transmissão mais primária do simbólico à criança se daria por influência da música da voz materna, mais conhecida como *manhês*, pois, ao mesmo tempo em que por ela se transmite uma lei simbólica passível de leitura, é por meio dela também que é fornecido ao *infans* algo “fora da lei”, apontado pelo “sem sentido” do puro

³ O termo “*infans*” é utilizado nos estudos lacanianos para qualificar a etapa da primeira infância, anterior à fala. Período em que a criança ainda não se utiliza da linguagem, e que também condiz com o seu estado de prematuridade em relação à motricidade voluntária (Kaufmann, 1996).

som, ou seja, gozo que atinge diretamente o corpo dele e o erotiza. Logo, não é apenas a resposta do Outro sobre o grito que induz o bebê à linguagem, e sim a forma prazerosa como ele recebe a significação do som que emitiu.

Julieta Jerusalinsky (2004) denota que as falas que as mães dirigem aos seus bebês são espontaneamente marcadas pela prosódia, referente a uma modulação vocal que ameniza os encontros consonantais ao priorizar a prolongação dos fonemas como forma de simplificar a fala, deixando-a mais lenta e adaptativa às condições linguísticas do *infans*. Desse modo, elas são repletas de diminutivos e são evocadas lentamente sob um tom agudo e harmonioso. Pela voz melódica que escuta – diferente dos demais ruídos – o bebê se direciona à mãe lhe respondendo com uma evidente excitação corporal, pois como se aproxima de uma musicalidade, o manhês produz no bebê “uma erotização no ato da escuta e da fonação” (Jerusalinsky, 2004, p. 207).

Rezende e Vorcaro (2018) mencionam que as primeiras excitações das palavras no corpo acontecem inicialmente pelo som e pelo ritmo, que embalam o bebê devido à assonância, que ressoa como cargas afetivas no corpo do *infans*, induzindo-o a transmitir a sua satisfação. Freud (1905/1996, p. 84) nomeou esse efeito como “prazer no *nonsense*”, delegado ao período no qual a criança trabalha com o “sem sentido” das palavras, ocasionando um espaço de mediação entre a linguagem e as sensações, os gestos e as musicalidades. Promove-se, assim, uma articulação do significante com a prosódia, efeito este essencial para que o *infans* se sinta convocado a adentrar na linguagem.

A princípio, suas vocalizações não têm funções comunicativas, elas se iniciam como puras emissões sonoras com grandes variações quanto à entonação, ao ritmo e à intensidade – um fenômeno por meio do qual o bebê consegue respectivamente reproduzir o que apreendeu, perante o que ouviu em seu meio, e escutar sua própria reprodução, tomando posse dos sons que, até então, eram apenas dos (O)utros. Essas vocalizações se portam como efeitos de suas primeiras intervenções com a linguagem e remetem ao modo como as sonorizações foram incorporadas, semelhante ao efeito de eco. Nesse sentido, podemos lembrar que Freud (1891/2016, p. 108) define a ecolalia “como um meio para conseguir estabelecer a dificultosa relação do som ouvido com as associações de objeto pelo fortalecimento dos sons de palavra”.

A ecolalia também é, segundo Alfredo Jerusalinsky (2004, pp. 117-118), uma tentativa de constituir alguma borda a fim de se referenciar, ou seja, quando a criança coloca na própria boca “um conjunto fônico que vem da boca do outro”, ela se descola da boca do outro e a sua própria boca se torna referência para que ela possa se situar naquela relação: *O que dessas palavras que o outro diz, poderia me representar?* Na releitura lacaniana, essa experiência é nomeada de lalação, termo do qual ele deriva *lalangue*⁴.

O termo *lalíngua* utilizado por Lacan foi um retorno à *língua* saussuriana sob a perspectiva sincrônica/diacrônica na qual a fala se situa, ou seja, é entendida com base na fonética, sem a ancoragem da gramática, correlacionando-se então “ao som e ao fora-de-sentido que ele veicula” (Monteiro, 2012, p. 133). Perante a relação com o Outro, Lacan (1972/1973/2008)

⁴ *Lalangue* é um neologismo lacaniano que recebeu a tradução em português como *lalíngua*. Em *O Seminário, livro 20: mais ainda*, o conceito foi mais desenvolvido, contudo, o termo foi traduzido como *alíngua*. Privilegiaremos o uso do termo *lalíngua* e manteremos o termo *alíngua* nas devidas citações.

pontua que *lalíngua* carrega, em sua evidência, os afetos perante o mal-entendido que abarca o laço social de todo ser falante. O que o bebê manifesta em sua lalação é visto pelo cuidador como um signo, no qual o mesmo agente – também afetado pelo que escutou e encarnando a função de Outro – decifra-o e lhe retorna em forma de significantes. Com isso, ele encobre o gozo do bebê com um saber inconsciente de cunho interpretativo e satisfatório, já que o revela em conjunto com sua *lalíngua* – referente ao cantarolar próprio da fala maternante, que mantém a afetação do bebê sobre aquilo que escuta do Outro. Desse modo, a linguagem surge como “uma elucubração de saber sobre *alíngua*” (Lacan, 1972/1973/2008, p. 149).

Alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. [...] Se a comunicação se aproxima do que se exerce efetivamente no gozo da *alíngua*, é que ela implica a réplica, dito de outro modo, o diálogo. Mas *alíngua* será que ela serve primeiro para o diálogo? Como articulei de outra vez, nada é menos garantido do que isto (Lacan, 1972/1973/2008, p. 148).

Portanto, o período no qual a criança começa a emitir ecolalias marca uma interação frente ao compartilhamento de gozo entre o bebê e o Outro, pois ao mesmo tempo em que o *infans* trabalha consigo o “sem sentido” em suas vocalizações, também recebe júbilos dos principais cuidadores que, por antecipá-lo na sua condição de sujeito, já caracterizam seus balbucios como fala, precipitando uma interpretação eufórica sobre cada emissão sonora do bebê. Assim, vinculam as ecolalias às representações de objetos presentes na língua materna. Por conseguinte, o cuidador age com o bebê como se ambos conversassem de modo cada vez mais intenso, revelando a alternância emissor/receptor entre o *infans* e o Outro. Kaufmann (1996) denota que escrever uma música é lidar com os sons, sendo assim, essa relação vocálica se assemelha à dinâmica compositor/ouvinte, na qual os envolvidos ficam imersos em um desafio comunicativo em que o encontro só acontece se ambos comemorarem a inexistência da moeda de troca entre eles.

Ao se deparar com a voz materna, o que é transmitido ao *infans* em primeiro lugar é a continuidade do som, pura sonoridade que não ressalta nenhuma significância, pois é anterior a formação de qualquer palavra, mas marca no ouvinte uma emoção particular, gerando uma invocação absoluta – semelhante à sensação sobre o que é ouvido na ópera romântica, diante da voz da diva quando ela eleva o agudo e o superagudo de seu canto, condizente ao fenômeno *Prima la voce*, causador de um “gozo que faz com que nesse momento não se saiba mais se é a diva ou o divino que canta” (Didier-Weil, 2012, p. 39).

Depois, o que se ouve são as escansões próprias da linguagem, por meio do silêncio que corta os sons contínuos, destacando os fonemas, as palavras e as frases – agora mais próximo ao *Parlar cantando*, uma modalidade da ópera renascentista, na qual a música cede à poesia, dado que “aquele que canta, fala ao cantar, ou seja, quando ele canta, imita a fala, faz ouvir todas as leis da sintaxe, cortes sintáticos, a descontinuidade da fala” (Didier-Weil, 2012, p. 40). Posto isso, pode-se dizer que pela continuidade sonora cantamos as vogais, e só *a posteriori*, a partir das descontinuidades promovidas pelas consoantes, é que a fala é introduzida ao canto. Sendo assim, o que falamos corresponde aos silêncios.

Vivès (2020, p. 93) diz que a ritmicidade estrutura um paradoxo na voz que é transmitido ao *infans*. Por meio das escansões características da linguagem – presentes nos microsilêncios

fornecidos pelas consoantes – transmite-se uma organização referente à lei simbólica, mas que, de forma conjunta, também evidencia que sua aparição só se faz possível por uma violação. Entre o aparecimento das escansões, o sujeito se vê confrontado pela pura sonoridade, que se apresenta de forma contínua, impedindo que a lei seja totalmente transmitida, pois há em sua propagação uma subversão que causa a “inteligibilidade do sentido”, contrária a sua ordem, mas que fissa o sujeito para que ele caminhe rumo à linguagem. Assim, Vivès (2018) pontua que a voz do Outro carrega uma dupla função: ela é subjetivante, enquanto vetor da linguagem e também objeto de gozo – território de *lalíngua* –, sob a sua dimensão Real; e ao escapar da significação, ela é capaz de inscrever a falta necessária para o surgimento do sujeito.

“Em poesia que é a voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos”

Vivès (2018) pontua que o cuidador materno é um *Outro-não-surdo* que ora fala por si e pelo bebê, mas ora também silencia com interesse em escutar o que o lactente tem a dizer, devido ao seu suposto saber de que ali, naquele bebê, já há um sujeito. Dessa forma, “respeitando as regras do diálogo, a mãe dá a seu filho um lugar de interlocutor” (Catão, 2009, p. 165). Contudo, Lacan (1964/2008) cita que essas escansões que atravessam a constância da fala fazem com que o bebê se depare com um enigma correspondente ao desejo do Outro. Se antes o bebê desfrutava da relação de gozo, sob a condição de ambos como objeto de desejo do outro, ele passa a perceber que, pelo silêncio da espera, a mãe desnuda um desejo por algo além e que ele por si só não a contenta. Sendo assim, a fala materna fascina, mas também angustia já que escancara ao *infans* um abismo que ameaça o laço maternal, diante da interrogação: “*Che vuoi?*”, que o bebê anseia responder em concordância com “*O que o Outro quer de mim?*”

A interrogação: *o que queres?*, impossível de ser respondida definitivamente, acarreta uma fratura no sujeito em sua relação com seu próprio desejo, com o que ele pode constituir acerca deste. Não é sem motivo, que Lacan pinça tal interrogação da boca do diabo terrível que assombra o protagonista no romance de Cazote, *O diabo enamorado*. Neste, o monstro que se metamorfoseia em cachorrinho, rapaz, ou jovem sedutora não se cansa de perguntar: *Che vuoi?* (Maurano, 2001, p. 89. Grifos da autora).

Lacan (1957/1958/1999) afirma que, para articular o desejo próprio da criança, o ser materno é essencial e não só pela sua atenção ou presença. O silêncio desperta no bebê a intenção de permanecer enlaçado com aquele que dele cuida e, para isso, destina-se a atender os seus anseios. Entretanto, como nos lembra Lacan (1957/1958/1999, p. 194), “o desejo é uma coisa que se articula” mesmo não sendo articulável, ou seja, o desejo de todo ser falante está em articulação com alguma (O)utra coisa, fato este que provoca uma conversão: a criança deixa de simbolizar a mãe como objeto de seu gozo e lhe reposiciona como um sujeito, mas, perante o seu estado de desamparo, ainda se sente “profundamente assujeitada ao capricho daquele de

quem depende, mesmo que esse capricho seja articulado” (p. 195); doravante, ao entender que ele não é o que a mãe deseja, o seu apelo passa a ser sobre o “desejo do desejo da mãe” (p. 188).

O vislumbre sobre o “mais além” do desejo do Outro acontece por meio de uma mediação pela posição do Pai, que representa a proibição que priva a mãe de avistar no filho o objeto fálico que lhe completaria, tornando-se um obstáculo entre eles. No entanto, o valor do pai não está associado a uma pessoa real, mas sim às suas palavras, ou seja, à especificidade de um Nome que permanece em causa na mãe por lhe anunciar as leis, ao ponto de ela fundar o pai no seu discurso, acima de sua própria lei e de seus caprichos (Lacan, 1957/1958/1999). É por esta razão que Jerusalinsky (2014) pontua que a mãe condiciona o gozo ao bebê de forma parcial, já que em conjunto opera o seu interdito, porque ela não posiciona as satisfações do bebê acima da lei à qual está submetida. No entanto, a sua função como Outro só é possível devido a essa relação, pois somente quando está submetida à lei simbólica pode dar nome às enunciações do bebê (Lacan, 1957/1958/1999).

Lacan também esclarece que, ao interrogar o Outro materno sobre o seu desejo (*Che vuoi?*), o sujeito esbarra com a lei simbólica que compete ao pai. Logo, o sujeito compreende que tal lei está intrinsecamente ligada ao desejo da mãe, à qual ele se vê obrigado a se curvar, visto que ela é fundamental para o seu alcance. Diante disso, o sujeito se desprende da sua primeira identificação que fundou a sua possibilidade de existência e se vincula ao aparecimento dessa lei. É por isso que esse pai simbólico é também o pai da metáfora, cuja função é “ser um significante que substitui o primeiro significante introduzindo uma simbolização, o significante materno” (Lacan, 1957/1958/1999, p. 180), ou seja, a articulação entre o S (desejo da mãe) e o S’ (Nome-do-pai), evidencia o significado da relação materna, frente à substituição que deixa obscuro o desejo materno.

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{\alpha} \rightarrow S \left(\frac{I}{S} \right)$$

Figura 1. Extraída de Lacan (1957/1958/1999, p. 181).

Segundo Lacan (1960/1998, p. 829), “a pergunta do Outro que retorna para o sujeito [...] formulada como um *Che vuoi? – Que queres?* é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo”, porque, pela via metafórica, a criança compreende que aquilo que se mostra sempre em falta na relação com o Outro obtém poder fálico, posto que cinge as idas e vindas da mãe e norteia os seus cuidados. Remete a algo que o Outro não dispõe e que também ultrapassa a capacidade da criança de ser, porém, essa falta passa a lhe mover, devido ao anseio de possuir e de se apoderar desse objeto de desejo da mãe.

Antes mesmo de o sujeito se questionar sobre “Quem eu sou?”, ele ouve do Outro um “tu és”, só que carente de atributos. Quando o bebê grita, e em seguida a mãe lhe interroga: “*O que foi? O que você quer, meu filho?*”, ela evidencia sua própria falta e constitui ao filho, “o vazio de sua falta de garantia” (Lacan, 1962/1963/2005, p. 300). Contudo, a existência de um enigma em volta do seu desejo só é revelado porque a mãe atribui ao bebê o poder de resposta. E é justamente essa instauração enigmática, vinculada ao “tu és”, que impulsiona o *infans* a adquirir

o estatuto de *fallasser*. No direito de encontrar a resposta e permanecer em laço com o Outro, o bebê recorre aos signos da língua materna e, para isso, abdica do gozo advindo do reino dos sons – o puro objeto acústico – em prol do reino dos sentidos.

Eis aqui a dimensão da perda, eis o estado de perdição onde se encontra o objeto em razão de sua contaminação pelo desejo e de sua inscrição na linguagem. Trata-se da questão do objeto que, enquanto perdido, objeto marcado pela falta, mostra o circuito em que ao mesmo tempo o desejo se inaugura e se sustenta. (Maurano, 2001, p. 91).

O objeto em questão é a voz que o sujeito, então, cede em sacrifício, para tê-la enquanto objeto da pulsão e, assim, acender toda a sua dimensão invocante. Como já mencionado, a voz enquanto objeto pulsional transcende a dimensão de sua materialidade sonora, mesmo que esta última empreste a função de apoio à primeira, pois a voz está diretamente implicada com o desejo do Outro e o som que incorpora a fala se porta como um instrumento para a sua manifestação.

Como as satisfações das pulsões são sempre parciais, o que de fato é “fundamental, no nível de cada pulsão, é o vai e vem em que ela se estrutura” (Lacan, 1964/2008, p. 175). Esse vai e vem que determina o seu percurso tem caráter circular e se funda em três vias: ativas, passivas e reflexivas. Sobre a pulsão invocante, tal percurso se configura em “Ser ouvido”, “Ouvir” e “Fazer-se ouvir” que se descrevem no laço com o Outro conforme descrito a seguir.

O primeiro corresponde, de forma mítica, à expressão primária do grito; momento em que ainda não existe sujeito, portanto, a posição ativa só se afirma *a posteriori*, quando a presença do Outro confirma ao “vir-a-ser” a sua capacidade de ser ouvido. O segundo tempo remete à forma particularizada como o bebê recebe a resposta do Outro, a qual endereça a criança em seu desejo. Antes de adentrar no terceiro tempo, é importante mencionar que “os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar, [portanto, diferente das outras pulsões em que o terceiro tempo remete a um retorno ao sujeito] o *se fazer ouvir* vai para o outro” (Lacan, 1964/2008, pp. 190-191). Sendo assim, o terceiro tempo situa uma posição subjetiva a respeito de uma intenção (O)utra presente nas manifestações do bebê, na qual “o sujeito a advir se faz voz, em busca do ouvido do Outro para dele se obter uma resposta” (Vivès, 2018, p. 21).

O bebê passa da posição passiva para a reflexiva quando consegue se desviar das vocalizações advindas do Outro. Porém, como o ouvido é a única zona erógena que não possui esfíncteres, ele só encontra uma saída pela operação simbólica acima descrita. Esse processo representa a operação do recalque originário, o qual Vivès (2018) nomeia como “ponto surdo”: ao se deparar com o ressoar do timbre do Outro, o *infans* deve primeiro incorporá-lo, assumi-lo, mas em seguida deve se ensurdecer com o intuito de rejeitá-lo. “Ele precisa perder a voz como objeto para adquiri-la como voz sonora” (Vivès, 2018, p. 106).

No ato da fala, a voz se vela por meio da significação, porém, “nem tudo do real da voz pode ser abarcado pela lei do significante” (Vivès, 2018, p. 26). O que remete à existência de um “ponto de gozo” que se articula com o simbólico da fala, ou seja, se a linguagem é uma junção entre língua e fala, há nela “um chamado a gozar, transmitido pela dimensão contínua e real da voz, bem como um chamado a advir, transmitido pela descontinuidade da fala capturada nas

redes do simbólico.” (Vivès, 2018, p. 26). No seminário XX, *Mais, ainda*, Lacan (1972/1973/2008, p. 149) destaca essa “outra” intenção ao pontuar que “a linguagem não é somente comunicação”, posto que o inconsciente preserva em sua estrutura os efeitos de *lalíngua*, remetido aos afetos iniciais recorrentes do canto materno. O inconsciente ainda atua nas manifestações do ser falante como testemunho de um saber inatingível à sua capacidade de compreensão. Nesse sentido, o sujeito constituído na linguagem não só fala, mas também aparece inconscientemente como aquele que canta.

Vivès (2018) posiciona o canto como uma emissão estilizada do grito que, remetido a uma posição discursiva, enaltece de forma melódica as prolongações sonoras, as quais rememoram o tempo mítico, anterior ao ensurdecimento, quando as vozes ainda não eram veladas pela fala – o que ocasiona ao sujeito “uma promessa de gozo e de saber absoluto” (Vivès, 2018, p. 25). No entanto, só existe música quando a melodia é guiada por um ritmo, ou seja, o cantor não pode se abster da lei dos significantes à qual está submetido para que, adjunto à emissão harmônica, também consiga formular palavras com sentido prévio. Sendo assim, o ato de cantar representa uma saída que permite ao sujeito rememorar o pleno gozo, anterior à lei, sem abdicar da linguagem, mantendo assim, o controle sobre as suas inferências.

Em *Os três tempos da lei*, Didier-Weill (1997, p. 240) denota que a música pode ser “um dos caminhos possíveis para compreender a relação mais primordial do sujeito com o Outro”, no que diz respeito à inscrição do traço unário, posto que constrói um arranjo entre o som e o silêncio, ou seja, faz borda entre o real da voz e o simbólico da fala. Portanto, a sua experiência incide o sujeito à sua nomeação, advinda do traço do Outro que lhe fundou no simbólico de forma análoga ao Real.

Didier-Weill (1997) formula que, na relação com o Outro, a incidência do traço remete ao elemento musical mais simples: diz de uma única nota musical escandida presente na voz da mãe, que endereçada ao bebê lhe cede a posse do nome próprio e o captura na linguagem, antes mesmo de ele compreender o sentido dos fonemas. Apesar da inacessibilidade à sua significação, a simples nota se faz bastante notável em sua inscrição, pois pela nomeação ela suscita a sua possibilidade de existência, sendo assim, a música remete a uma inscrição primordial que possibilita o sujeito germinar a palavra antes mesmo de recebê-la.

E por fim, Vorcaro (2005) reitera que a inserção na língua materna se opera por uma interdição de gozo devido ao rompimento com as sonorizações da língua maternante, já que a fala só é articulada por meio do interdito entre o som e o sentido. Para se adentrar na linguagem, o sujeito abdica da inteireza do seu ser, o que faz de todo ser falante um sujeito exilado, impedido de identificar o seu desejo – o objeto que o causa sempre estará perdido. No entanto, o que lhe promove a rememoração de sua completude, o que promove “o traço identificatório do sujeito à língua”, como nos lembra Vorcaro (2005), “é o canto da fala”. Ou seja, o modo por meio do qual o dito é exposto é paralelo ao compasso da voz materna inscrita no organismo do sujeito. “Trata-se da música da linguagem maternante, regida por uma relação calculada e ordenada, que não chega a ter voz, mas que vincula um apelo” (Vorcaro, 2005, p. 124) no desígnio de toda temporalidade e ousadia na oração discursiva.

Considerações finais

As sonoridades e suas ressonâncias tramam o corpo do falante e colaboram para a emergência do sujeito. Nesse sentido, o presente trabalho articulou os laços que constituem o sujeito como aquele que conta, operado pela marca do traço unário que é, por excelência, traço distintivo. Mas o passo que buscamos é aquele que revela o sujeito como aquele que canta, sob o dinamismo das afetações e representações que o acompanham durante todo o seu processo constitutivo. Inserido na língua materna, o sujeito carrega em sua fala resquícios das experiências míticas que conduzem os seus modos de dizer, na condição de falasser.

Vimos que em um primeiro momento, o bebê se vê agarrado à voz originária e melódica do Outro que lhe tirou do desamparo absoluto. *A posteriori*, já sob a demanda da presença do Outro, o bebê compreende que o seu grito é capaz de convocar e, em vista disso, altera a finalidade de sua emissão: o que antes era considerado “puro” e desarticulado – somente descarga de desprazer – passa a ser um grito “para”, sob a intenção de garantir as suas satisfações pulsionais por meio de seu domínio no enlaçamento com o Outro.

O grito também se porta como um ato fundante do sujeito e, ao mesmo tempo, inaugura o silêncio que o permeia. Esse intervalo é crucial para que o som emitido ressoe aos ouvidos como eco e faça com que, pela afetação, sejamos impulsionados a criar, por antecipação, um sentido àquela sonorização. Nesse desencontro fundante, situa-se a lalação, na qual tanto o bebê quanto a mãe, submetidos à dinâmica emissor/ouvinte, deliram os verbos na precipitação de sentidos, de acordo com suas afetações sonoras. A lalação provoca a inserção de significantes na cadeia simbólica, uma vez que traça de maneira adjunta à musicalidade da fala.

A princípio, a fala prosódica do Outro atinge o real do corpo do bebê, pois propaga o desejo materno através da dimensão incorpórea de sua voz, com isso lhe transmite um gozo que faz com que o bebê se aliene, incorporando a sua voz. Mas, entre as continuidades sonoras, temos as escansões estruturantes da fala que escancaram o *vir-a-ser* que o desejo materno, no qual ele se veicula, não é acessível, já que existe uma lei simbólica que impede a sua transmissão. Tal fato o impulsiona a também se submeter à lei simbólica que estrutura a linguagem, vista como a única forma de manter-se enlaçado, diante da esperança de encontrar a resposta sobre “o que o Outro quer de mim?” para então correspondê-lo.

Dessa forma, o *infans* precisa se ensurdecer ao timbre fascinante do Outro para se assujeitar aos sons e perceber as palavras. Tal escolha faz com que o sujeito se divida, esquecendo assim a marca sob a qual se fundou – referente à nota escandida na fala da mãe que lhe referenciava ao seu desejo. É somente expulsando a voz do Outro, distinguindo-a como objeto perdido, que a criança se adentra nos sentidos e começa a responder por si, alcançando assim, de forma gradativa, a sua própria voz enunciativa que se entrelaça às enunciações que já eram presentes desde as suas primeiras manifestações.

A voz como objeto perdido e, logo, pulsional, faz com que aquele que antes foi invocado (amado) pelo Outro se torne invocante (amante), carregando na transmissão da linguagem duas convocações que fazem jus à sua condição de sujeito dividido. De um lado, ele apela por significação pelos enunciados; do outro lado, apela ao desejo do Outro pelas enunciações. Desse modo, a verdade do sujeito se camufla no afônico de sua voz que, mesmo inaudita, sustenta e modula a fala.

Liberta da pura sonoridade da voz do Outro, a criança passa a trabalhar com as escansões que a induzem a unir os fonemas e a formular as primeiras palavras dirigidas ao Outro. Esse *labor* musical, que faz borda entre o real do som e o simbólico do silêncio, remete a um *saber-fazer* do sujeito que enlaça tanto a sua origem – o traço mnêmico – quanto a sua criação, a apropriação do sujeito frente à marca que conduz sua subjetivação. Entre as emissões sonoras, o canto é o que mais evidencia esse domínio das articulações fonéticas. Sendo assim, o sujeito do inconsciente aparece como aquele que canta, pois pela sua modulação vocal ele rememora sua divisão e, reconhecendo a sua condição de falta-a-ser, cultiva o laço entre existência e subjetivação, ou seja, faz do enigma sua própria resposta e assume uma participação ativa como *falasser*.

Se não fôssemos afetados pela pulsão invocante, até poderíamos pronunciar as palavras, mas elas se limitariam à sua condição de prosa. A poesia evidenciada na exposição dos ditos, que delira o sentido dos verbos e promove o deslizamento dos significantes, não se evidenciaria. Nessa condição, a clínica psicanalítica é convocada a escutar a musicalidade das palavras compostas na singularidade de cada voz. Como um poeta, o analista deve brincar com os desencontros entre o som e o sentido, abrindo portas para que o sujeito formule novas significações e se deixe surpreender com o efeito da articulação significativa, pois o verbo, o sentido, esse sim, precisa pegar delírio.

O presente artigo finaliza em palavras, no mesmo momento em que inaugura um traço que funda um antes e um depois, com o anseio de invocar os leitores a procurar outros estudos sobre a temática voz, pois como nos lembra Lacan (1967/1968), em seu *O Seminário XV: O ato analítico*, o fim sempre tem relação com o começo, então, que esse recorte se apresente como um ato e reitere a continuidade de novas partituras invocantes.

Referências

- Aires, S. (2005). Da quase equivalência à necessidade de distinção: significante e letra na obra de Lacan. *Revista Do GEL*, 2, 215–230. Recuperado de: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/313>.
- Barros, M. (2013). Uma didática da invenção. In M. Barros *O livro das ignorâncias*. (pp. 9-15). São Paulo: Leya.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Didier-Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Didier-Weill, A. (2012). *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 8. (Trabalho original publicado em 1905.)
- Freud, S. (1996/1950). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (pp. 212–264). Rio de Janeiro: Imago, v. 1. (Trabalho original publicado em 1895.)
- Freud, S. (2016). Sobre a concepção das afasias: Um estudo crítico. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1ª Ed. (Trabalho original publicado em 1891.)
- Freud, S. (2020). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 1ª Ed. (Trabalho original publicado em 1915.)
- Jerusalinsky, A. (2004). Como se constituem as bordas do ponto de vista da Linguagem. In A. Vorcaro, & A. M. Resende (org.). *Quem fala na língua?: Sobre as patologias da fala*. (pp. 107–119). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2004). Prosódia e enunciação na clínica com bebês: quando a entonação diz mais do que se queria dizer. In A. Vorcaro, & A. M. Resende (org.). *Quem fala na língua?: Sobre as patologias da fala*. (pp. 206–228). Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2014). *A criação da criança: Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1967/1968). *Seminário XV – O ato psicanalítico*. (Inédito.)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 496–533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957.)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 531–590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959.)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 807–842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960.)
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Apresentação oral em 1957/1958.)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 15–25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971.)
- Lacan, J. (2003). *A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1961/1962.)
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1962/1963.)

- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O sinthoma* (S. Laia, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1975/1976.)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1964.)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. (M. D. Magno, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1972/1973.)
- Lucero, A., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Do outro simbólico ao outro real. In A. O. Martins, L. C. Santos, & A. M. R. Vorcaro. *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica* (pp. 21–24). Belo Horizonte: Ed. Artesã.
- Masagão, A. M. (2008). A rasura da letra e a explosão do semblante. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. v. 11, 313–331. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000200010>
- Maurano, D. (2001). *A face oculta do amor: A tragédia à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora UFJF.
- Monteiro, C. P. (2012). *A noção de lalíngua: uma contribuição da psicanálise lacaniana à concepção de língua*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, letras e artes. Recuperado de: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6204>.
- Rezende, A. O., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Os (des)encontros do infans com a linguagem. In A. O. Martins, L. C. Santos, & A. M. R. Vorcaro. *O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica* (pp. 45–68). Belo Horizonte: Ed. Artesã.
- Vivès, J-M. (2018). *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, Corpo Freudiano.
- Vivès, J-M. (2020). *A voz no divã*. São Paulo: Aller.
- Vorcaro, A. (2005). Incorporação do organismo na música do outro desejante. In N. V. A. Leite (Org.). *Corpolinguagem: a est-ética do desejo* (pp. 115–125). São Paulo: Mercado de Letras.
- Wisnik, J. M. (2017). *O som e o sentido: Uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Revisão gramatical: Nádia Maia de Andrade

E-mail: nadamaia.revisoes@gmail.com

Recebido em setembro de 2021 – Aceito em outubro de 2022.